

A NOSSA INDEPENDÊNCIA É UMA VITÓRIA TOTAL E ABSOLUTA

— Presidente Samora

Uma brilhante intervenção na Escola do Partido, foi talvez o momento mais importante da recente visita que o Presidente Samora Machel efectuou à República Popular do Congo. O Presidente Samora Machel foi intensamente ovacionado e as suas palavras encontraram importante eco na imprensa e rádio daquele país africano.

O tempo é escasso e os nossos temas, os nossos problemas, são grandes. Eu tentei fazer umas notas. Não sei se essas notas irão ao encontro dos interesses desta audiência. O Camarada Nguesso introduziu aqui um novo tema: África Austral. Vou talvez abandonar as minhas notas. O Camarada Nguesso falou da agressividade do agente do imperialismo na África e em particular na África Austral: o regime do «apartheid».

A África do Sul tornou-se República em 1961. Antes de se tornar República, era União Sul-Africana. Eram vários Estados. Mas o domínio político, económico, era dos ingleses. Portanto era colónia dos ingleses. Desde há cerca de 250 ou 300 anos que estão presentes na África do Sul brancos que saíram da Holanda. Eram fanáticos da uma religião e foram expulsos da Europa. Movimentaram-se pela África e fixaram-se em Cabo de Boa Esperança, que eles chamam Cape Town. Espalharam-se pela África do Sul, essencialmente virados para a agricultura e como criadores de gado. Mais tarde chegaram os ingleses. Tomaram a África do Sul. Colonizaram o Lesotho, colonizaram a Suazilândia e o Botswana. E, a partir dessa época, começaram a descobrir a riqueza imensa daquela zona de África. A maior concentração de ouro está na África do Sul. É o maior produtor de ouro no mundo. A África do Sul é o maior produtor de diamantes. A África do Sul é um dos maiores produtores de cromo, de urânio, de carvão e de ferro.

Então a Inglaterra fez da África do Sul uma potência colonial, potência da África Austral. Lesotho, Suazilândia, Namíbia, Botswana, Zimbábue, Zâmbia, uma parte do Zaire, Malawi, Moçambique, Tanzânia, dependiam totalmente da África do Sul durante 200 anos. É um caso complicado o da África Austral, camaradas.

A África do Sul desenvolveu a exploração de todos os minérios e minerais. A África do Sul desenvolveu uma indústria química, a indústria de construção, construiu muitas siderúrgias, vários complexos. Produz tudo, a África do Sul. É uma potência que hoje produz aviões «Mirage», produz armamento, produz carros de assalto. Então, a África do Sul atrai os investimentos de todo o Ocidente. Em primeiro lugar da Inglaterra. Em segundo, dos EUA. Em terceiro, o Japão e alguns países nórdicos. A África do Sul emprega portugueses. Vivem e trabalham na África do Sul 700 mil portugueses. A África do Sul emprega também espanhóis. Os portugueses e os espanhóis trabalham nos serviços secundários. A África do Sul emprega italianos. Muitos europeus, depois da Segunda Guerra Mundial, desceram para a África do Sul.

Depois da Segunda Guerra Mundial os fascistas, todos os nazis desceram para a África do Sul. Da Itália de Mussolini, da França, de toda a Europa, desceram para a África do Sul. E assim que devem compreender as origens do «apartheid». Está ligado ao nazismo e ao fascismo. É o complexo da superioridade da raça. E acontece que hoje todo o Ocidente necessita da África do Sul.

OS VENTOS DO NACIONALISMO

O ANC foi formado em 1912. Em 1921 formou-se o Partido Comunista da África do Sul. A partir daí, fizeram uma aliança. O movimento nacionalista na Tanzânia (Tanganica na época), da Zâmbia (Rodésia do Norte na época), do Zimbábue (Rodésia do Sul na época), Bechuanalândia (hoje Botswana), Basutolândia (hoje Lesotho), Suazilândia, Niassalândia (hoje chamado Malawi), no Quênia, Uganda, todos esses movimentos, todos esses líderes, formaram-se a partir da África do Sul. O vento do nacionalismo veio da África do Sul. E em Moçambique, isso não aconteceu. O sistema fascista português não deixava formar partido nenhum. Não havia democracia. Nós tínhamos o colonialismo e fascismo ao mesmo tempo.

Em toda esta época os sul-africanos brancos segregaram a maioria. E por isso que quando proclamam a República, fica República dos brancos e não dos pretos. As manobras do imperialismo destinam-se a manter a África do Sul sempre nas suas mãos. Garantir que as riquezas da África do Sul beneficiem o Ocidente. E os sul-africanos brancos, para preservar o poder que têm adoptaram então a política do «apartheid». Adoptaram a política do chamado desenvolvimento separado; os negros que se desenvolviam numa direcção e os brancos para outra direcção. Não querem partilhar o poder com os negros. Criaram a política de bantustões. Bantustão é o significado de reconhecimento de cada tribo. Cada tribo ter a sua independência, ter o seu Estado. É isto que nós chamamos falta de coerência por parte da política da África do Sul. Porque se eles fazem bantustões, deviam criar também bantustões para os ingleses, que são dois milhões na África do Sul. Deviam criar bantustões para os próprios boers. Deviam criar bantustões para os portugueses que estão lá, dos italianos, dos espanhóis. Assim aceitaríamos a sua coerência.

O bantustão não é senão a política de dividir para reinar. Normalmente, um bantustão não tem contiguidade geográfica. Normalmente um bantustão é nas zonas áridas. Não se localiza nas zonas férteis, nas zonas ricas. Este é o primeiro quadro que nós temos da África do Sul. A África do

Sul proclamou a República e entrou nas Nações Unidas. Baniu o ANC. Todas as organizações africanas foram banidas da África do Sul. E assim que os líderes do ANC fogem da África do Sul, nos anos 61/62. Na Rodésia do Sul estava a Grã-Bretanha. Em 1965, os brancos, 270 mil, proclamaram a Independência unilateral. A primeira declaração da Inglaterra foi de não intervir militarmente, porque esta declaração de independência era já um plano antigo de criar uma zona de brancos na África Austral. Portanto, estavam dois Estados racistas: África do Sul e Rodésia do Sul. E estava Moçambique.

A VITÓRIA TOTAL DA FRELIMO

Em 1962 formámos a FRELIMO. O ANC já tinha 50 anos. Em 1964 desencadeámos a luta armada. A luta armada foi o agente que acelerou as contradições abertas na região. Em 1965 a África do Sul participa nas acções operacionais, ao lado do exército colonial, contra a FRELIMO. Derrotamos. A guerra desenvolve-se, vai até Zâmbia. A África do Sul proclama a zona do Zâmbie como fronteira para a acção da FRELIMO. Os sul-africanos diziam que não queriam guerra no rio Limpopo. O rio Limpopo vem da África do Sul, faz fronteira com o Zimbábue e a África do Sul. A guerra devia parar no Zâmbie, diziam. E para isso as forças rodésianas entraram também contra nós, ao lado das forças coloniais, em 71, 72, 73, 74. A África do Sul enviou também as suas unidades para reforçar o exército de Smith e o exército português. Houve tentativas de alguns portugueses reacionários para proclamarem a Independência no Sul de Moçambique, tentando formar uma zona branca que se acrescentaria à Rodésia do Sul e à África do Sul. Mas já era tarde, em 1974. A luta estava já no dentro do nosso País. Era tarde porque o exército já estava esgotado, estava derrotado. E em 1974 derrotamos o exército colonial. O nosso exército é uma honra para África. E um exército que derrotou para África. E a vitória na história da África um exército europeu. (Aplausos prolongados). Nessa altura, o mito da superioridade racial, estava destruído. Então, tivemos que negociar conosco. Os portugueses negociaram com a FRELIMO, com mais nenhum movimento em Moçambique. Fizemos exigências ao nível de três princípios: Um, Portugal deve reconhecer o direito de autodeterminação e independência do Povo moçambicano; dois, o Governo português deve reconhecer a FRELIMO como o único e legítimo representante do Povo moçambicano; três, Portugal deve reconhecer o princípio de transferência para a FRELIMO de todos os poderes que ainda detinha. Devem compreender que a FRELIMO, nessa altura, já não era um simples movimento de libertação, já não era uma simples Frente. Já tinha uma ideologia forjada na guerra. A FRELIMO já

objectivo, mas definimos correctamente o colonialismo. O colonialismo não tem cor, o colonialismo não tem raça, o colonialismo não tem pátria. Portanto, não é só o branco que é colonialista. É por isso que falamos sobre Marrocos, o novo fenómeno em África. (Aplausos prolongados). É por isso que falamos hoje de novo fenómeno em África: a colonização africana, a colonização interna, que é Marrocos, que coloniza o Sahara.



Momento em que o Presidente Samora Machel e sua esposa eram recebidos por Denis Ngueso e esposa. O Presidente moçambicano foi distinguido com a mais alta condecoração da R.P.C.

É fácil para muitos identificar o colonialismo quando se trata do colonialismo estrangeiro e europeu. É fácil para nós todos aqui definir o inimigo. Mas, à medida em que a luta foi desenvolvendo, fomos compreendendo: há o imperialismo, há o capitalismo. Como podem ver, quando fomos desenvolvendo a luta, a África do Sul participou. Um país africano, portanto, ao lado do colonialismo estrangeiro, a Rodésia participou contra nós. Portugal teve apoio da NATO. Então, a nossa luta era anti-colonial, era uma luta anti-capitalista, era uma luta anti-imperialista. Tinha já carácter de revolução. Já não era exigência sómente da bandeira, não era somente a exigência da Independência política. Tínhamos compreendido que era já uma luta revolucionária, porque já

reza ideológica e clareza dos objectivos, isso é que é o fundamental. A capacidade de tirar lições da revolução dos outros povos. A capacidade de aplicar nas condições reais do nosso País os princípios universais do Marxismo-Leninismo. Nós somos contra o populismo. (Aplausos). Nós somos contra a demagogia. (Aplausos). Nós somos contra o dogmatismo. (Aplausos). Nós somos contra o empirismo. (Aplausos) Existem os prin-

Mas desta vez a cara de cada um era o sol do meio-dia. (Aplausos). A alegria estampada na cara. A emoção, a esperança no futuro, um futuro melhor. Por tudo isto devemos felicitar o Camarada Nguesso. (Aplausos). Vocês, como congoleiros aqui, têm dificuldades de ver as vossas próprias realizações, as vossas próprias vitórias, os sucessos, as vitórias que vocês alcançaram, em pouco tempo. Sabem, os religiosos dizem que Cristo não conseguia ver a sua auréola. Nunca soube que era portador dessa brilho.

O Camarada Nguesso transporta este brilho e contamina os outros. Visitámos os complexos, encontramos o dinamismo, o interesse de estudar. E penso que este interesse de formar quadros existe porque a batalha central hoje é a economia. Em cada sector encontramos a palavra de ordem sobre a questão económica: administração, gestão. Nós, revolucionários, não devemos ficar contentes quando não temos comida, quando não temos roupa, quando ainda não calculamos o nosso povo. Não devemos ficar contentes quando ainda não conseguimos habitação para o nosso povo. Não devemos ficar contentes quando ainda não temos água canalizada para todos. E nós estamos contentes porque estas preocupações estão com o Camarada Nguesso. Isso mostra que o nosso Camarada Nguesso é um bom estrategista, é um bom pensador, é um bom realizador, é um bom economista. (Aplausos).

Isso é que se chama revolucionário. O revolucionário, primeiro, tem de tratar bem, ele próprio, para poder ensinar os outros. Tem que saber cuidar da sua própria casa, para poder educar o povo a respeitar a casa. E nós saudamos muito, desta vez o Congo, o vosso Partido, os vossos quadros, porque em toda a parte onde andamos encontramos higiene. Higiene mental, higiene de espírito, também. O caminho está correcto. Há dificuldades, é verdade. Uma revolução sem dificuldades não é revolução. Estes são os nossos problemas em Moçambique. Smith criou os bandidos armados. A partir de antigos PIDE's. A partir dos comandos do exército colonial. A partir das tropas especiais, a partir de marginais, anti-sociais, criminosos. Missão: destruir o poder popular. E nós organizamos, estruturamos o Partido até à locali-

leve bebé há menos de uma semana a marchas de cem quilómetros. Raptam raparigas de doze anos, violam-nas e assassinam-nas. É uma calamidade, um flagelo. Estão permanentemente drogados. E é isto que chamam de oposição em Moçambique. Mas desencadeámos uma ofensiva militar, a partir de 82. Em fins de 1983 já tínhamos 3500 prisioneiros de bandidos armados, com o seu equipamento. No plano internacional, desencadeámos uma ofensiva diplomática com vista a isolar a África do Sul, apresentar ao Mundo a África do Sul como desestabilizadora, como agente perturbador da região, como contra a paz, como colonialista na Namíbia, como agressora e expansionista em Angola. E este nosso ponto de vista triunfou no Mundo. Portanto, triunfamos do ponto de vista militar, político e diplomático. O povo ficou a conhecer a natureza dos bandidos armados. Portanto no início diziam que eles são contra o Socialismo, são pelo capitalismo. Mas quando começaram a saquear as lojas dos comerciantes privados, ficaram desmascarados. Quando começaram a raptar irmãos de caridade, desmascararam-se. Por isso, a razão está sempre ao lado da revolução. (Aplausos).

SAUDAR AS VITÓRIAS COMUNS

O tempo, como disse o Camarada Nguesso, age contra nós. Mas eu queria agradecer a confiança de o Partido dar-nos esta grande ocasião, esta honra de falarmos aos membros do Partido Congolês do Trabalho, não somente aos problemas do Congo, mas também dos problemas de Moçambique e da África Austral. E falamos da necessidade de reforçarmos a nossa amizade, de reforçarmos a nossa militância, de ligarmos permanentemente as nossas revoluções e fazermos sempre das vitórias de cada um de nós vitórias da revolução africana, da revolução mundial.

Quando vocês proclamaram neste nosso Continente, pela primeira vez, um Partido marxista, foi um acto de coragem. E quando proclamaram, aqui rodeados, a República Popular do Congo, foi um acto de coragem. E nós devemos aprender de vocês. Nós devemos aprender dos nossos irmãos do Congo. Aprender dos vossos erros, para não cometermos esses erros. Se vocês cometerem, nós já não precisamos de cometer, não é verdade? (Risos). E consolidarmos aquilo que foi vitória para vocês. Depois, aprendamos o segredo dessas vitórias. Onde está o segredo da vitória. Nós, revolucionários, sempre devemos aprender onde está o segredo de

cipios. Mas como tornar esses princípios em política? Politicamente, qual é o significado de cada princípio? Porque os revolucionários têm o hábito de se esconder nos princípios. (Aplausos). Como é que muitos revolucionários erram? Os nossos erros, as nossas incapacidades, as nossas incapacidades, atribuímos ao imperialismo. (Aplausos). Falta de pontualidade. Este é um aspecto revolucionário essencial. A questão do tempo, o sentido agudo da responsabilidade. A vigilância revolucionária não é desconfinada. (Aplausos). A desconfiança é uma atitude de arrogância. (Aplausos). Mas quando não chegamos a tempo ao serviço, dizemos que é por causa do imperialismo. (Risos). Indisciplinados, apatia, relaxamento, desleixo. Mas fugimos e dizemos: abaixo o imperialismo. Destruição dos bens do Estado. Viaturas a circular sem necessidade. Viatura nova destruída e dão outra viatura. (Aplausos). Não punimos porque é um camarada. Rouba dinheiro do Estado, desvio dos bens e roubo de dinheiro do Estado. E nós, revolucionários, não temos coragem de punir, para o responsabilizar. E dizemos que é um camarada. Então o ladrão é um camarada? Camarada ladrão? (Aplausos prolongados).

Assim destruímos a essência da palavra camarada. Quando consideramos o ladrão camarada, quando consideramos o destruidor dos bens do Estado camarada... aqui já não há fronteira, não há linha de demarcação. (Aplausos). Então, seremos destruído pelo inimigo. O revolucionário deve saber aplicar os princípios. O revolucionário tem de saber estabelecer a estratégia para cada etapa e qual é a tática para a sua realização.

Não estamos impressionados com o Congo. Passaram momentos tristes. Tentativas de derrubar este poder popular persistiram sempre. Sougaram definir a reacção, sougaram definir a contra-revolução. Mas nós, os revolucionários, aprendemos sempre do sangue. O imperialismo desorganizou a economia do Congo. Há um documento em Moçambique: «Como Age o Inimigo». Como age o Congo para assassinar Marien N'Gouabi. Como age o imperialismo no Chile para destruir o poder de Salvador Allende. Mas aqui, precisamente porque têm o sentido agudo do inimigo, morreu o homem mas a revolução continua. (Aplausos prolongados).

OS AVANÇOS NO CONGO

Eu conheço o Congo desde 1974. Vim cá em 1976. Passei por aqui em 1979. A situação era caótica. Passei por aqui em 1981. Situação caótica. Desastre. A situação estava patente na cara de cada um. Não entrei dentro de Brazzaville. Fiquei no aeroporto. Mas eu tinha a imagem toda. Porque o aeroporto é o espelho do País. Muitos passaram pelo aeroporto de Brazzaville, não entram. E dizem: oh, estamos no Congo. E como Ponta Negra, o porto. Marinheiros param lá, saem e dizem: estivemos no Congo. Por isso, nós, revolucionários, devemos ter cuidado: que tipo de imagem devemos projectar no aeroporto e no porto? Não sei se me faço entender, meus amigos. (Aplausos).

OS PRINCÍPIOS, A TACTICA E A ESTRATEGIA

Volto para a África Austral outra vez. Vejam as forças que combateram contra a FRELIMO: o colonialismo português, o regime do «apartheid», a República da África do Sul, portanto, o regime ilegal de Ian Smith. E nós derrotamos essas forças. Como é que nós temos aguentado? Onde vem esta força? Nós não temos armas. A força é o nosso povo, a nossa força são os nossos quadros. (Aplausos). São quadros profundamente dedicados ao povo, formados para servir o povo. Os nossos quadros são profundamente formados ideologicamente. Cla-

de e na fábrica. É onde está o segredo. O Partido deve existir ao nível da fábrica. (Aplausos).



Nas ruas, as tendas sucedem-se com géneros alimentícios. Sinal que o problema do abastecimento está quase completamente resolvido

A AGRESSÃO CONTRA MOÇAMBIQUE

Depois da proclamação da independência do Zimbábue, a África do Sul levou 10 mil bandidos de Moçambique. Transportou-os para a África do Sul. Mercenários de Smith, soldados de Smith, soldados de Muzorewa, soldados de Ndabaning Sithole, foram levados para a África do Sul. São esses que atacam e ocupam Angola. São esses que destroem a economia moçambicana. O alvo essencial dos bandidos armados são as mulheres, são as crianças, são os velhos. Jovens são raptados para serem drogados, para praticar crimes. Cortam orelhas das mulheres, cortam lábios às mulheres, cortam nariz, cortam seios, obrigam mulheres grávidas de sete meses a uma marcha de cem quilómetros. Obrigam uma mulher que

cada vitória. E agradecer muito ao Camarada Nguesso, ele é uma pessoa muito tranquila. (Risos, aplausos). Quando estamos reunidos com ele aprendemos muito, particularmente nos momentos difíceis da OUA. Não é só filho querido do Congo, é filho querido de todos os revolucionários. E um Camarada muito profundo, analítico. O Camarada Nguesso gosta de compreender o pormenor, o detalhe. Um revolucionário conseqüente é aquele que é capaz de combinar o particular com o geral, o que não é fácil. Mas o Camarada Nguesso consegue fazê-lo. (Aplausos). Não transmitiremos este calor humano ao nosso povo. Esta simpatia que o povo do Congo tem para com o povo de Moçambique. A simpatia que os membros do Partido têm para com a FRELIMO. E diremos, quando chegarmos a Moçambique: estivemos com os nossos irmãos, estivemos com os nossos camaradas. Muito obrigado. (Aplausos prolongados).



Uma tenda dos subúrbios

estava forjada na luta militar, na luta ideológica, na luta política e na luta económica. Por isso a nossa vitória foi total, do ponto de vista político, ideológico e militar. Foi total. E isso que nos faz resistir até hoje. Havia uma definição correcta do inimigo, o que é importante. Quem é o inimigo? No princípio da nossa guerra, o inimigo era o colonialismo português. E muitos nacionalistas aderiram à Frente de Libertação nessa altura: religiosos, não religiosos, com ideias capitalistas. (Risos, aplausos).

Expulsar o inimigo do País era o

havia uma ideologia, uma ideologia revolucionária, uma guerra popular do povo em armas. (Aplausos).

A LUTA NO ZIMBÁBUE

Nessa altura, então, não havia professor, não havia diplomata, não havia médicos. Éramos todos diplomatas, militares, políticos e economistas. E quando nós triunfámos, a África do Sul e a Rodésia contactaram-nos — o Governo de Transição da FRELIMO — e nós pusemos condições. Primeiro, contactaram-nos para não apoiar